

CANÇÕES D'UM VAGABUNDO

JOÃO PENHA E A VIAGEM POR TERRA AO PAÍS DOS SONHOS

ELSA PEREIRA*

Resumo: Este artigo procura abordar algumas das modulações ou metamorfizações da Viagem, no universo lírico de João Penha (*1839-1919). Significativamente plasmado, ao nível paratextual, em diversas obras deste autor, o tema da viagem constitui tópico recorrente, alternando entre a perigrinatio literaris e os sentidos ascendente e descendente da peregrinatio amoris. Integrando-se na primeira zona em que Maria Alzira Seixo agrupou a poética da viagem, este périplo imaginário e interior identifica-se assim com o profundo motus animi continuus do poeta bracarense, que muito expressivamente logrou condensar a chave interpretativa da sua Obra naquele que foi também o título mais controverso: a Viagem por Terra ao País dos Sonhos.

Palavras-chave: Viagem; Interior; Anábase; Catábase.

Abstract: This article aims to address some of the modulations of the Voyage in the literary work of João Penha (*1839-1919). Paratextually displayed in several books by this author, the Journey becomes a recurrent topic, alternating the perigrinatio literaris with the ups and downs of the peregrinatio amoris. This imaginary and interior journey (which could be included in the first area that Maria Alzira Seixo identified on the Poetics of the Voyage) coincides, in short, with a deep motus animi continuus of the poet, who succeeded in condensing the interpretation key of his work in the most original and controversial of his titles: The Overland Journey to the Dreamland.

Keywords: Anabasis; Catabasis.

Em 1897, João Penha dava à estampa o seu segundo livro de poesias, intitulado *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. Ao nível paratextual, o tema da viagem e do viajante recorre-se-á entretanto noutras obras deste autor, nomeadamente a colectânea *Por Montes e Valles* e outros textos reunidos em volume póstumo, cujo principal ensaio se intitulava «De Paris a Lisboa: viagem a todo o vapor pela literatura contemporânea».

Na verdade, o tema da viagem, em sentido literal, mas sobretudo metafórico, perpassa toda a obra daquele que foi o principal mentor da Segunda Geração Coimbrã. Não deixa de ser irónico, se pensarmos que, depois da cidade dos estudantes – onde pass(e)ou os anos de 1864-1873 –, o «nervoso mestre, domador valente/ da Rima e do Soneto português»¹, apenas saía de Braga para veranejar à Póvoa de Varzim, e dessa rota nunca mais saiu, nem mesmo perante a insistência dos amigos². Segundo o próprio confessava a Antero de Figueiredo, depois de Coimbra, João Penha regressou ao Minho, e aí se plantou para sempre como uma árvore³.

* Estudante do Doutoramento em Literaturas e Culturas Românica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Bolseira da FCT (SFRH/BD/41413/2007).

¹ O epíteto é de Gonçalves Crespo, no célebre soneto «João Penha», incluído nos «Nocturnos» (CRESPO, 1897: 293-294).

² Vejam-se, no epistolário do poeta, os repetidos convites endereçados nomeadamente por Luis de Andrade (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 547, março 8, fl. 6) e pelo Conde de Valençãs, Luís Jardim (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 552, fls. 5-6; Ms. 552, fls. 9-10; Ms. 552, fls. 69-70).

³ Sobre o assunto, brincava João Penha, a 7-IV-1903: «vivo no Monte Branco, no Jungfrau, vivo em Braga, onde, araucaria de nova especie, me plantei para sempre. E porque? Porque ganharia aqui raizes de velho querco? Porque ahi onde o meu amigo tem a protuberancia, ou bossa da locomocão, tenho eu uma fossa! É por isso, e talvez porque durante muitas das minhas existencias anteriores, eu fosse arvore» (BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1168).

Ao mesmo amigo, aliás, o poeta tecia, em 1898, algumas considerações jocosas sobre o inconveniente de viajar, aconselhando então Antero a permanecer em casa, sentado numa poltrona, e um pouco como Xavier de Maistre (em *Voyage Autour de Ma Chambre*) deambular comodamente através das páginas dos livros:

Quanto á sua viagem a Italia, direi que a reprovoo.

Florença serviria, se não fossem os terríveis nevoeiros do Arno, factores diabolicos de catarrhos e rheumatismos. Napoles tambem serviria, se não fossem as exhalações do Venuvio. Só la pode viver, quem la nasceu. Veneza tem o inconveniente de transformar o homem branco em preto, ou mesmo dito de Veneza, e o homem pedestre em manta. Palermo ou Messina poderiam acceitar-se sem os terramotos, e as vesperras sicilianas... dos realejos. Roma tem os dous partidos, em luta de braço a braço, os marais pontins, e as pneumonias. Genova é simplesmente commercial, apezar dos seus museus e do palacio dos Dorias. Ahi Joaquim d'Araujo.

Em fim, mal por mal, Milão, – apezar dos petardos do anarchismo.

Este assumpto é muito grave, e por isso deve ser pensado maduramente. Em todo o caso não vá só, se não quizer ser assassinado a cada passo. Olhe: fique em Lisboa, que é uma excellente estancia de inverno, e viaje, commodamente sentado numa poltrona, percorrendo com os olhos o Tour du Monde, e mil outras revistas do mesmo género.

BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1154(15b)

De resto, a sugestão de Penha, aqui apresentada em tom humorístico e desassombrado, coincidia não apenas com um lema de vida (ditado pela necessidade e a força das circunstâncias), mas encontrava eco sobretudo no seu pensamento e cosmovisão lírica. Na melhor tradição petrarquista, o que a obra deste autor parece sugerir também, em última instância, é que é inútil fazer viagens exteriores, deslocar-se no espaço físico e percorrer os lugares geográficos, já que a viagem interior, essa, privilegiará sempre os caminhos metafóricos do *itinerarium mentis*.

Efectivamente, mesmo que o tema do viajante apareça também convocado em sentido referencial (sobretudo em textos em prosa⁴), é a viagem interior (reconhecida por Maria Alzira Seixo como um dos traços caracterizadores da herança romântica⁵) que encontramos predominantemente na obra de João Penha.

⁴ Em «Adeus, Manuel» (PENHA, 1923: 103-108), por exemplo, narra-se a pitoresca partida de um homem para o Brasil, ensombrada pelo eco da despedida, na voz de um papagaio. Também no artigo «Um conde italiano» (*idem*: 109-114) João Penha evoca a grandiosa paisagem itálica, para depois situar a viagem de Belli di Leonardi, o conde que rumou ao Novo Mundo, estabelecendo-se na Baía, onde cultivou o estudo da Língua Portuguesa.

⁵ «Curioso será reparar como, a partir do Romantismo, a viagem se instala numa expectativa sem limites, entre a ânsia e o sonho, ao sabor dos ímpetus de fuga e de evasão [...], sendo a viagem literária contemporânea, na maioria dos casos, um percurso interior do espaço secundarizado» (SEIXO, 1998: 15). Neste sentido, valeria a pena evocar o exemplo fundador de *Viagens na Minha Terra*, no que ele tem de modelar para a ideia de viagem na literatura pós-romântica, menorizando a deslocação real e empírica, para sobressair enquanto périplo abstracto, digressivo, simbólico ou mesmo mítico: «Éstas minhas interessantes viagens hão-de ser uma obra-prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa [...]. Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito» (GARRETT, 1994: 21).

Um pouco à imagem de Dante, na *Divina Comédia*, a sua obra abarca várias viagens interiores: de anábase ou sublimação pelo amor, de catábase ou descida ao inferno da desilusão afectiva, e ainda a viagem literária, que atravessa e presta homenagem aos nomes, textos e polémicas que lhe eram coevos.

A VIAGEM LITERÁRIA

Significativamente, um dos textos que João Penha projectava editar nas suas *Excavações Litterarias* (acabando por sair a título póstumo, no livro *O Canto do Cysne*) intitulava-se «De Paris a Lisboa: viagem a todo o vapor pela literatura contemporânea» (PENHA, 1923: 152-164). Aí o poeta revisita alguns dos mais importantes nomes e movimentos da cena literária coeva, dando corpo a um autêntico périplo pelas ideias e posições estéticas do momento.

De modo análogo também, o livro mais programático, que reúne alguns dos seus textos ideológicos, recebeu o título *Por Montes e Valles*, aparecendo então classificado como uma «viagem de recreio pelo mundo literário»:

Na maior parte dos livros modernos, e até em muitos dos antigos, os títulos não têm relação alguma, pelo menos visível, com o seu conteúdo. São apenas como que rotulos ou marcas de commercio que não servem senão para evitar confusões. É um systema commodo, mas que nunca seguirei. Como o que este volume contém é uma simples viagem de recreio, mais ou menos acidentada, pelo mundo litterario, mundo em que, como em todos os mundos possíveis, ha altos e baixos, não me pareceu de todo o ponto desarrazoado o que lhe dei: Por montes e vales.

(PENHA, 1899: 227)

Como o autor faz questão de sublinhar, a escolha do título está pois longe de ser arbitrária, encontrando afinidades naquilo que Maria Alzira Seixo sistematizou numa articulação entre a viagem e a dimensão escrita do discurso⁶. A expedição literária de *Por Montes e Valles* inscreve-se assim, também ela, no nível da imaginação⁷, e por isso João Penha, discorrendo sobre as ancestrais relações que unem poesia e música, não hesita em arriscar uma insólita tradução do «Romance mauresque», em que a Península Ibérica surge flanqueada pela Figueira da Foz (ao Norte) e Setúbal (ao Sul)⁸. É que, «no sonho

⁶ Em causa está uma «deslocação desta vez auto-referencial, isto é, inserindo a sua significação de deslocação de espaços no próprio espaço do texto [...]. As duas categorias (narrativa e viagem) confundem-se, de facto, e Mallarmé consagrou essa fusão na metáfora célebre dos *Écrits sur le Livre*: “l’écriture marche, noir sur blanc...”» (SEIXO, 1998: 23-24).

⁷ A «viagem imaginária (que recobre [...] todos os relatos de viagem [...] sem referência de acontecimento circunstancial)» corresponde à primeira «zona» em que a mesma ensaísta agrupou a poética da viagem (SEIXO, 1998: 17).

⁸ Vd. polémica originalmente travada na imprensa periódica e depois incluída nas pp. 31-53 de *Por Montes e Valles*. Em foco estava a seguinte tradução do «Romance mauresque» (HUGO, 2006: 73-75), que João Penha incluíra no artigo «A escola nephelibata»: «Arrastando a cimitarra,/ Percorrera a Hespanha inteira,/ De Setubal á Figueira,/ Em procura de Mudarra» (1891a). A versão do poeta bracarense visava sobretudo realçar, através da «notação vigorosa dos versos», a imagem de D. Rodrigo «arrastando o ruidoso alfange» por «montes e valles, em procura de uma especie de phantasma, que lhe escapa, e a quem pretende trucidar» (1891a), mas Pinheiro Chagas (1891) e um terceiro contendor anónimo logo

em que vivem [os poetas], as coisas reais da existência, todos os factos, e todas as sciencias, revestem aspectos insolitos, que o vulgo não compreende», e por isso a arte poética será sempre uma excursão idealizada ao reino do sonho e da fantasia:

A vida dos poetas, e sobretudo dos nephelibatas, é um sonho continuado, que só finda quando seus espiritos radiosos se lhes desprendem dos invólucros terrenos, e partem, impellidos pelas leis mysteriosas da evolução da vida através do Universo, para outros mundos talvez mais felizes.

(PENHA, 1899: 43)

Ainda no mesmo sentido, aliás, deverá ler-se também o título que João Penha escolheu para o segundo livro de poesia, dado à estampa justamente quando passavam quinze anos desde a publicação das *Rimas*. Para esse volume, aguardado com grande expectativa entre numerosos admiradores e amigos, o autor chegou a ponderar títulos como *Novas Rimas* e *Canções d'um Vagabundo*⁹, mas acabou elegendo o que ele próprio sugerira, meses antes, para um livro de Antero de Figueiredo¹⁰: *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

Longe de antever a polémica que haveria de seguir-se, o poeta bracarense admitia, em correspondência trocada com o amigo, algum pretensiosismo¹¹ no título «longo» e «suggestivo»¹², mas sobre o mesmo escreveu apenas no prefácio:

Direi ainda, quanto ao título: Viagem por terra ao paiz dos sonhos que, se o escolhi, foi porque me pareceu que nos meus versos, além do seu elemento real e essencialmente humano, havia tambem a projecção ideal d'esse mesmo elemento pelo sonho e pela fantasia.

(PENHA, 1898: 10)

A peculiaridade da escolha, no entanto, haveria de causar estranheza, entre os contendores da Questão Literária¹³ que imediatamente aflorou nas páginas dos jornais, sobretudo pelo arrojado metafórico, ironicamente destacado por Delfim de Brito Guimarães, em artigo publicado na *Mala da Europa*¹⁴.

O esclarecimento do autor aparecerá sob a forma de folhetim, publicado no *Jornal do Commercio*, onde, rebatendo as várias críticas do adversário, Penha concretiza, relati-

haveriam de reagir contra a inverosímil tradução de *Figuère* por *Figueira* (da Foz), pois tal não equivalia a «atravessar a Hespanha inteira». Penha rebaterá as críticas, em «A escola nephelibata» (1891b) e «Chateaupers á la rescousse» (PENHA, 1899: 47-53).

⁹ A este propósito, vejam-se as seguintes cartas: BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(2), M-AF-1144(13), M-AF-1144(10).

¹⁰ Trata-se do livro que Antero de Figueiredo acabou publicando sob o título *Partindo da Terra* (1897).

¹¹ Vd. carta datada de 12-VII-1897 (BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(13)).

¹² Vd. carta datada de 15-VI-1897 (BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(10)).

¹³ Esta polémica, centrada em torno dos dodecassílabos que João Penha exercita em duas composições da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, encontra-se também compilada em PENHA, 1899: 89-164 e GUIMARÃES, 1898.

¹⁴ «Ha n'isto, cremos bem, uma imagem simbolista que a nossa intelligencia não alcança» (GUIMARÃES, 1897).

vamente ao título, a « projecção ideal » a que já aludira no prefácio, evocando para isso o encontro verídico com uma jovem enferma, que teria inspirado um dos poemas¹⁵:

Esta simples historia, absolutamente real, é o que eu metrifiquei na Moribunda, e lá se encontra até á parte em que digo que me cheguei confrangido ao leito onde a enferma jazia. Como não fosse poetico o facto occorrido depois, fiz a projecção ideal da parte real, pelo modo que pode ler-se no final da composição.

(PENHA, 1898: 2)

Esse permanente debate entre realidade e idealismo; a travessia visionária, que tanto pode ter sentido ascendente (partindo da terra «para os seus vôos ás regiões do mysterio» – PENHA, 1899: 209) como descendente (precipitando-se dos lugares etéreos do sonho, em franca colisão com «este globo sublunar» – *idem, ibidem*), constitui, na verdade, uma das chaves de significação profunda na obra de João Penha, que em estilo muito próprio soube conciliar a mais elevada sublimação lírica e o concretismo das situações rasteiras ou comezinhas¹⁶.

Talvez por isso, um dos poemas lendários que correram a academia coimbrã, entre as folhas pardas da sebenta, interpelasse um divagante professor de abstracta Filosofia sobre matéria tão vil e contrastante:

*Eis que te partes para além do espaço
Envolvido na estola do infinito!
Leve-te Deus em paz, amigo Brito!
Nós ficamos, por mêdo do cansaço.
[...]
Lá d'esses sitios, em que ethéreo voas,
Responde a isto que d'aqui pergunto,
Não em prosa que é vil, mas n'estas lôas,*

*Em que resumo o delicado assumpto:
«As femeas no infinito, diz, são boas?
Ha bons vinhos por lá, ha bom presunto?»*

(PENHA, 1905: 297-298)

15 A composição que João Penha convoca para ilustrar o seu argumento é o poema «Moribunda»: «No grande leito ebúrneo, macilenta a face,/ Acurvada ao seu mal, e já sem movimento./ Esperava infeliz, de momento a momento/ O golpe derradeiro, o triste desenlace.// Era como uma flor que brisa ao chão lançasse,/ E naquelle profundo e mésto abatimento./ Sempre de olhos fechados, muda e sem alento./ Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.// Cheguei-me compungido, e então lhe disse: "Quando/ Déres entrada, além, no ethéreo azul infindo./ E entre os anjos ditosos resurgires, voando.// Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo!/ E viverás feliz, mais que na terra, amando!"// Então abri os olhos, e expirou sorrindo» (PENHA, 1898: 219-220).

16 «[...] um poeta vive em dois mundos distinctos: o do seu pensamento, onde tudo é idealizado, e o das cousas reaes, que o cercam, e em que vive» (PENHA, 1923: 158).

A VIAGEM INTERIOR: DO VOO ANABÁTICO AO PRECIPÍCIO DA CATÁBASE

Desde a época medieval que a ideia de viagem está profundamente ligada ao tópicos da *peregrinatio*, não apenas enquanto experiência humana de fuga, exílio ou saudade, mas sobretudo como busca do amor e do conhecimento. Uma das primeiras composições incluídas nas *Novas Rimas* (o mais romântico e significativamente também o livro preferido de João Penha) intitulava-se «O trovador e Margarida d'Escossia» e aí o poeta evoca as andanças perdidas de Alain Chartier, o provençal amoroso que percorrera toda a Europa, desde «a nobre e fria Bretanha» até «às plagas do Egypto», «em procura d'um sonho»; «mas, por mais que o procurasse,/ um puro amor não» achou, senão quando, enfim esgotado «de tanto andar», «cahe-lhe aos pés o bandolim/ e de cançado adormece», pondo termo à demanda (PENHA, 1905: 15-19).

De modo análogo, também D. Juan, o «viajante esfaimado através dos corpos e das almas»¹⁷ que os poetas românticos reabilitaram como símbolo da busca pelo Absoluto¹⁸, obtém particular importância no universo lírico de João Penha, que nele se projecta e identifica, atravessando «a Hespanha inteira» (PENHA, 1898: 71), «com os alforjes repletos» de «sonhos» e «illusões» (PENHA, 1905: 73-74).

Em ambos os casos, a viagem inscreve-se num tempo e num espaço míticos, e o destino nómada do sujeito adquire conotações anabáticas, inerentes à busca do amor sublime e à tentativa de elevação através do voo do pensamento. Um pouco à imagem de «Pégaso» (PENHA, 1905: 42), o cavalo alado dos adejos poéticos, também o amante procura assim elevar «a alma» às «regiões distantes» (*idem*: 140) de uma «terra dos sonhos» (*idem*: 54), que sistematicamente encontramos em vários poemas dedicados a Zulmira de Mello, a principal musa inspiradora das *Novas Rimas*.

Caracterizada através de uma imagética neo-romântica da ordem do sonho e da fantasia, esta jovem poetisa personifica, na verdade, o idealismo amoroso de João Penha, e a sua imagem – de fada pura, casta e virtuosa – coincide naturalmente com uma *donna angelicata*, semelhante à «Laura» de «Petrarca» (*idem*: 95-96) ou à «Beatriz do Poeta abstruso» (PENHA, 1906: 48), que a partir do Purgatório conduz o sujeito para o Infinito, rumo à luz do Paraíso.

Não será aliás por acaso que avultam, neste mesmo livro, as referências aos domínios mágicos das fadas e outros seres alados, como anjos e pássaros (PENHA, 1905: 217). O *Dreamland*, esse «paiz das lúcidas chimeras» (*idem*: 48) – «onde se vive de sonhos,/ onde só ha primaveras,/ dias serenos, risonhos» (*idem*: 217) –, constitui, na verdade, um dos elementos românticos de maior conotação utópica e conjuga-se, na obra de Penha, com as representações judaico-cristãs do Paraíso Celestial (PENHA, 1914: 101) e do Jardim do Éden (*idem*: 70), bem como as tradições antigas da Ilha dos Amores (PENHA, 1905: 190) e dos montes Parnaso (PENHA, 1923: 32) ou Olimpo (PENHA, 1905: 109), que o sujeito intrépido escala, no rasto da inspiração lírica.

¹⁷ A expressão é de RODRIGUES, 2005: 9.

¹⁸ «Também D. João, o gozador impenitente e libertino do teatro seiscentista, se transforma com o romantismo num peregrino do Absoluto, buscando reencontrar através do amor, como Fausto através da ciência, o paraíso perdido, o segredo do universo, a unidade primordial» (SILVA, 1999: 546).

Ao adoptar o amor como guia do percurso ascensional, no entanto, geram-se inevitavelmente «os tristes desenganos,/ lírios do mal na estrada percorrida» (*idem*: 302), e por isso são frequentes também as modulações do precipício e da viagem catabática:

*Ai d'aquelle que um dia se abalance
A procurar na vida uma alma pura!
Bem depressa verá quão pouco dura
Essa illusão, se de a sonhar não canse.*

*Era feliz, mas em funéreo transe
A luz se me desfez em sombra escura.
Ai! de mim! era um sonho de loucura,
Um castello no ar, o meu romance.*

*Desfeito o sonho que em minh'alma tinha,
Dos labios afastei a amarga esponja,
E menti-te em meus versos linha a linha:*

*Chamei-te anjo com azas, por lisonja!
Ophélia com bom senso e burguezinha,
Contrata um bacharel, ou faz-te monja!*

(PENHA, 1905: 241-242)

Por vezes, a catábese emotiva decorre das saudades da amada, após um regresso forçado às «regiões nataes» (PENHA, 1905: 151) e à apertada vigilância maternal (PENHA, 1923: 53-55), que deixam o sujeito «n'este inferno», «penando/ á beira-mar a dar ais» (PENHA, 1905: 151-152). Mais frequentemente, no entanto, o «atroz supplicio» de «Tântalo» (PENHA, 1914: 125-126) é motivado por um sórdido e cruel abandono, «quando sem um adeus, sem etiqueta,/ fria me despediste» (PENHA, 1905: 249), para seguir outro «nas sombras d'uma estrada» (*idem*: 227). A mulher-anjo revela-se afinal mulher-demónio, «uma fada,/ ou antes, uma deusa... mas de pau!» (PENHA, 1923: 85):

*Tinhas a branca plumagem
D'uma pomba aos ceus erguida,
Mas levou-a um dia a aragem,*

*Vi-te sem azas, despida,
Alma, busca outra miragem
Nos desertos d'esta vida!*

(PENHA, 1905: 170)

Confrontado com a dor, o tormento e a desilusão, o amante mergulha, à semelhança de Orfeu, na treva dos abismos infernais, onde pondera render a «alma de fogo» a «Satanaz» (PENHA, 1898: 65). Ao sujeito, enfim «succumbindo a tantos males» (*idem*: 66), restará apenas a evasão «para longe da triste realidade» (PENHA, 1906: 27); «afogar em vinho idéas méstas» (*idem*: 23) ou procurar refúgio na utopia «bucólica»¹⁹ (PENHA, 1905: 161), onde, disfarçado de pastor, poderá recriar, em tom elegíaco, a frustração amorosa dos Faunos diante das «galathêas esquivas» (PENHA, 1906: 106):

*Eu vou deixar a penna pelo arado,
 A lyra pela clássica sanfona,
 E por qualquer vermelha mocetona,
 As meninas subtis, que eu hei cantado.*

*Que seja lavrador o quer meu fado!
 [...]
 Adeus, pois, minha pállida andaluza!
 [...]
 Vou-me partir sem ti (como eu o sinto)
 «Ao som da campesina cornamusa»,
 Como dizia outr'ora o bom Filinto.*

(PENHA, 1923: 86)

Ao fechar-se um ciclo emotivo, todavia, a solução ilusória (mas recorrente) deverá estar sempre em partir de novo à «procura d'um sonho» (PENHA, 1914: 95); viajar como um D. Juan insaciável, «por montes e valles,/ de guitarra ao tiracollo», buscando «na vida airada,/ e na divina botelha,/ paz a esta alma torturada» (PENHA, 1898: 66). Quiçá um dia, ao demandar «outra miragem» (PENHA, 1905: 170), o «incerto palinuro» (PENHA, 1914: 85) do amor acabe atingindo «como um passarinho» as «esferas» celestes (PENHA, 1905: 217) do sempre utópico²⁰ e anelado País dos Sonhos:

19 Mais do que *utopia*, enquanto género literário, será pertinente falar aqui numa atitude mental que alguns autores denominaram de *utopismo*; i.e., o «modo ideal de efabular ou sonhar racionalmente uma condição social e existencial perfeita ou perfectível» (REIS, 2004: 9). Embora TROUSSON (1979: 28) excluísse a arcádia e a idade de ouro de um subgénero utópico *stricto sensu*, não deixa de ser verdade também que, na ilha de Thomas More, a agricultura e a vida pastoril eram uma obrigação à qual ninguém escapava. Seguindo o modelo das églogas virgilianas, a poesia bucólica permite encenar o amor através de figuras disfarçadas de pastores, que, num espaço de harmonia com a Natureza, exprimem uma aspiração *utópica* de regresso à concórdia primordial.

20 A utopia, por definição, é um país inalcançável; i.e., um *ou-topos* (um não-lugar), e por isso uma das obras incontornáveis nos estudos utópicos recebeu o título de *Voyages aux Pays de Nulle Part* (Trousson, 1979). A utopia, no entanto, pode ser também um *eu-topos* (um lugar feliz) – «cela pour autant qu'on puisse réellement dissocier ces deux étymologies, conjointes dès l'origine du mot *utopie*, puisque son créateur Thomas More dans son récit fondateur de 1516 (*De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia*, que nous connaissons mieux sous le titre abrégé de *L'Utopie*) se plaît déjà à jouer sur la double polarité sémantique de l'irréalité (*ou-topos*) et de l'idéalité (*eu-topos*)» (RACAULT, 2003: 15).

*Eis-me livre, qual ave nos espaços!
Quebrei os élos da fatal cadeia!
Da velha taça, de amarguras cheia,
Restam sómente os humidos pedaços.*

*Trazia a face triste, os olhos baços,
Do contínuo pensar na mesma idéa,
E a morte, que na orgia entre nós ceia,
Já me estendia os carcomidos braços.*

*Andava como a trémula andorinha
Em tórno de maléfica serpente,
E nem vergonha das injurias tinha!*

*Mas do resgate a aurora resplendente
Raiou emfim! Adeus, senhora minha:
Surge da lama o trovador plangente.*

(PENHA, 1906: 35-36)

O estudo das modulações ou metamorfizações da viagem na obra de João Penha permitirá enfim concluir da sua preponderância no imaginário deste autor. Muito para além dos macro-espacos que pontuam algumas das composições (Espanha, França, Itália, etc.), a viagem assume-se como tópico recorrente, alternando entre a *peregrinatio literaris* e os sentidos ascendente e descendente da *peregrinatio amoris*. Identifica-se, em suma, com o profundo *motus animi continuus* do autor, que muito expressivamente logrou condensar a chave interpretativa da sua Obra naquele que foi também o título mais *sui generis* e controverso: a *Viagem por Terra ao País dos Sonhos*.

FONTES DOCUMENTAIS

- Arquivo Distrital de Braga, *Espólio de João Penha*, Ms. 547, maço 8, fl. 6.
 Arquivo Distrital de Braga, *Espólio de João Penha*, Ms. 552, fls. 5-6.
 Arquivo Distrital de Braga, *Espólio de João Penha*, Ms. 552, fls. 9-10.
 Arquivo Distrital de Braga, *Espólio de João Penha*, Ms. 552, fls. 69-70.
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(2).
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(10).
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(13).
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1154(15b).
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1168.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

- CHAGAS, M. Pinheiro (1891) – «Echos da Havaneza». In *Correio da Manhã*, n.º 2007 (28 de Maio), p. 1. Lisboa: [s.n.].
- CRESPO, Gonçalves (1897) – *Obras Completas*. Lisboa: Tavares Cardoso.
- GARRETT, Almeida (1994) – *Viagens na Minha Terra*. 6.ª edição. Porto: Porto Editora.
- GUIMARÃES, Delfim de Brito (1897) – «Notas bibliographicas: Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos, por João Penha». In *Mala da Europa: Revista Quinzenal*, ano IV, n.º 97 (15 de Novembro), p. 4. Lisboa: [s.n.].
- GUIMARÃES, Delfim de Brito (1898) – *A «Viagem por Terra» do Sr. João Penha*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.
- HUGO, Victor (2006) – *Les Orientales*. New York: Elibron Classics.
- PENHA, João (1923) – *O Canto do Cysne*. Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- PENHA, João (1914) – *Ecos do Passado*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- PENHA, João (1891a) – *A escola nephelibata*. «Novidades», ano VII, n.º 2180 (25 de Maio), p. 1. Lisboa: [s.n.].
- PENHA, João (1891b) – «A escola nephelibata». In *Novidades*, ano VII, n.º 2186 (2 de Junho), p. 2. Lisboa: [s.n.].
- PENHA, João (1905) – *Novas Rimas*. Coimbra: França Amado (1.ª ed. 1904).
- PENHA, João (1899) – *Por Montes e Valles*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.
- PENHA, João (1898) – «A questão litteraria». In *Jornal do Commercio*, n.º 13219 (6 de Janeiro), p. 1-2. Lisboa: [s.n.].
- PENHA, João (1906) – *Rimas*. 3.ª edição. Braga: Cruz & Ca.
- PENHA, João (1919) – *Últimas Rimas*. Porto: Renascença Portuguesa.
- PENHA, João (1898) – *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. Porto: Livraria Chardron (1.ª ed. 1897).

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- RACAULT, Jean-Michel (2003) – *Nulle Part et Ses Environs: Voyage aux Confins de l'Utopie Littéraire Classique (1657-1802)*. Paris: Presses de L'Université de Paris-Sorbonne.
- REIS, José Eduardo (2004) – «O género da utopia e o modo do utopismo». JORGE, Carlos J. F. (coord.) In *Estudos Literários/Estudos Culturais: Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, vol. II. Évora: Universidade de Évora. Disponível em <URL: <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/volume2.htm>> [Consult. 12.04.2010].
- RODRIGUES, Urbano Tavares (2005) – *O Mito de D. Juan e Outros Ensaios de Escrever*. Lisboa: INCM.
- SEIXO, Maria Alzira (1998) – *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Cosmos.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1999) – *Teoria da Literatura*. 8.ª edição. Coimbra: Almedina.
- TROUSSON, Raymond (1979) – *Voyages aux Pays de Nulle Part. Histoire Littéraire de la Pensée Utopique*. 2^{me} édition. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles.